

## **INTERFACES ENTRE A ECONOMIA SOLIDÁRIA E A PSICOLOGIA**

Priscila Silva de Oliveira<sup>1</sup>; Bárbara Karoline Lima Machado<sup>2</sup>

1. Docente da Empresa Brasileira de Ensino Pesquisa e Extensão (MULTIVIX) Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo. Mestrado pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Institucional da Universidade Federal do Espírito Santo. Pós Graduação (Lato Sensu) em Transdisciplinaridade e Clínica pela Faculdade Saberes. Graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo.

2. Acadêmica de Psicologia na Faculdade Brasileira Multivix Vitória

### **RESUMO**

A Economia Solidária é caracterizada como um processo autogestionário, na qual permite a alteração coletiva da forma de estar no trabalho. Baseando-se em princípios como a Autogestão, Solidariedade, Coletivo e Autonomia é que esse modo de produção se organiza. Desta maneira, este estudo objetiva analisar o modo de organização do trabalho na Economia Solidária e sua interface com discussões da Psicologia. Trata-se de uma Pesquisa Bibliográfica e para a busca dos materiais utilizou-se os descritores "Economia Solidária" e "Psicologia" na Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi). O presente trabalho adota como referencial teórico a Psicologia Social Crítica. Os resultados apontam que essa temática necessita de contribuições, tanto de cunho teórico como prático. A Economia Solidária mostra-se como um campo emergente e possível de atuação do Psicólogo.

**Palavras- Chave:** Economia Solidária; Trabalho; Psicologia.

### **ABSTRACT**

The Solidarity Economy is characterized as a self-management process, in which it allows the collective alteration of the way of being at work. Relying on principles such as Self-management, Solidarity, Collective and Autonomy, this mode of production is organized. In this way, this study aims to analyze the way of organizing work in the Solidarity Economy and its interface with discussions of Psychology. It is a Bibliographic Search and the search for the materials was used the descriptors "Solidary Economy" and "Psychology" in the Virtual Library in Health Psychology (BVS-Psi). The present work adopts as theoretical reference the Critical Social Psychology. The results indicate that this theme requires contributions, both theoretical and practical. The Solidarity Economy shows itself as an emerging and possible field of action of the Psychologist.

**Key-Words:** Solidarity Economy; Job; Psychology.

### **INTRODUÇÃO**

Desde o final da década de 1960, tem acontecido mudanças nas relações de trabalho e nas formas de produção e reprodução do capital. O modelo de organização das atividades produtivas foi alterado, e o capitalismo globalizado em padrões neoliberais produz inúmeras problemáticas, entre elas, o aumento do desemprego: "nas indústrias com produtos de maior valor agregado, intensificou-se a substituição de trabalhadores por meio da utilização de instrumentos com elevada concentração de capital resultando em crescentes índices do que se chama de "desemprego tecnológico". " (FARIA, 2013, p. 2).

Observou-se então, como ressalta Magro e Coutinho (2008), a “necessidade de reinventar a emancipação social, assim como implica em novas dimensões na ideia de sistemas alternativos de produção, a fim de criar respostas para as novas problemáticas sociais que se apresentam” (p. 704). Assim, verificou-se, que uma expressiva quantidade de trabalhadores eliminados do mercado formal de trabalho devido à falta de qualificação, passou a procurar uma reinserção através de experiências econômicas de costume solidário (BARFKNECHT et al., 2006, p.55).

[...] os conceitos de desenvolvimento e eficiência na Economia Solidária não são pautados apenas em aspectos econômicos, mas ressaltam principalmente as questões humanas e sociais, além do respeito ao meio ambiente, tendo como foco não a acumulação, mas o atendimento das necessidades elementares e a busca do bem viver para todos. A preocupação, porém, não se limita ao atendimento das necessidades materiais, mas envolve aquelas referentes à autonomia, ao reconhecimento e à inserção social (BEATRIZ; CARVALHO, 2015, p. 215.)

Ainda, de acordo com Beatriz e Carvalho (2015) “a Economia Solidária é definida como uma nova forma de produzir, vender, comprar e trocar o que é necessário para viver, fazendo isso de modo não exploratório, pautando-se na solidariedade e na autogestão”. O que se tem é uma relação de correspondência por ambas as partes, algo que vai além do “cumprimento de deveres, mas envolve uma postura ativa de quem acolhe o outro porque este lhe é diferente e complementar, é a divisão de responsabilidades e consequências” (p. 217).

Assim, a Economia Solidária surge no Brasil, no final do século XIX, caracterizada como um modo de produção autogestionário e cooperativo. Porém, no fim da década de 1980, ela retorna como uma forma de combater as consequências sucedidas do modelo de produção capitalista. Sendo assim, esse modo de organização do trabalho torna-se uma alternativa de sustentabilidade dos trabalhadores desempregados e também de inclusão no mercado de trabalho (DIMOV; NÓBREGA, 2014; BARATIERI; BEATRIZ, 2013).

Por se tornar essa alternativa no mercado de trabalho, a Economia solidária tornou-se um importante movimento social que cresceu e continua se desenvolvendo no Brasil. Com o estabelecimento de princípios fundamentais e concepções acordadas coletivamente, esse modo de produção alcançou, entre muitas conquistas, sua definição oficial do conceito de Economia Solidária no Brasil:

[...] assumida e amplamente difundida pelo FBES (Fórum Brasileiro de Economia Solidária), pelo CONAES (Conselho Nacional de Economia Solidária), pela SENAES (Secretaria Nacional de Economia Solidária) e por todos os demais organismos e entidades da sociedade civil que constituem o Movimento da Economia Solidária. Assim, a economia solidária, conforme consta no Atlas da Economia Solidária no Brasil (2009), está definida como: “Um conjunto de atividades econômicas de produção, distribuição, consumo, prestação de serviços, poupança e crédito – organizadas e realizadas solidariamente por trabalhadores e trabalhadoras sob a forma coletiva e autogestionária” (LIMA, 2015, p.196).

Esse modo de produção pode apresentar diversos formatos. Para Veronese (2005), “os processos sempre relacionais que envolvem o trabalho, que o engendram e a partir dos quais se forjam outras relações e experiências, podem assumir configurações peculiares.” (p.58); contudo, todas as formas de relações, colaboram para uma construção de coletividade.

No Brasil, quando a Economia Solidária ganhou forças, a partir da década de 90, podemos observar “as primeiras experiências que se multiplicaram em todo o país, no meio rural e no meio urbano, das mais variadas e diversas formas, protagonizadas por diferentes atores sociais: sindicatos, igreja católica, movimentos sociais e o MST.” (LIMA, 2015, p.195). Segundo Guareschi e Veronese (2005), independente da forma organizacional a Economia Solidária tem o objetivo de, a partir da coletividade, promover recursos sustentáveis:

A economia solidária, nas suas diversas formas organizacionais (cooperativas, associações, grupos informais etc.), é um projeto de desenvolvimento destinado a promover as pessoas e coletividades sociais a sujeito dos meios, recursos e ferramentas de produzir e distribuir as riquezas, visando a suficiência em resposta às necessidades de todos e o desenvolvimento genuinamente sustentável (p.60).

A Economia Solidária pode ser considerada também como uma forma de resistência “por ser regida na direção de uma lógica oposta à da troca desigual, criando espaços de sociabilidade, produção e comércio em pequena escala, comunitários, buscando a auto-sustentabilidade e a cooperação e participação de todos” (GUARESCHI; VERONESE, 2009, p.96).

Porém, trabalhar na contramão do sistema que é regido, não é uma tarefa fácil e apresenta muitas vezes, dificuldades a serem enfrentadas. Essas dificuldades estão relacionadas ao modo de produção capitalista, na qual a Economia Solidária acaba por ser submetida à lógica do mercado, interferindo no ritmo de produção, exigindo assim, um caráter competitivo. A verdade é que esses trabalhadores, como afirma Andrade (2006), “nasceram e se desenvolveram para o trabalho sob a égide de uma organização social capitalista, pautada pelo assalariamento, pela subordinação, pela divisão capital-trabalho, pela competitividade” (p.3), ou seja, por uma ordem contrária aquela proposta pela Economia Solidária.

Uma das grandes dificuldades encontradas pelo movimento da Economia Solidária é que se vive em uma sociedade em que predominam os valores da competitividade e do individualismo, dificultando sobremaneira a introdução da cultura solidária, por significar enfrentar inúmeras contradições e superar algumas delas (BARATIERI; BEATRIZ, 2013, p.72).

Ainda, de acordo com Guareschi e Veronese (2009), uma outra dificuldade encontrada é quanto a permanência do caráter organizativo da Economia Solidária. É necessário que os trabalhadores priorizem os valores para que essa maneira de produção não se assemelhe ao modo de produção capitalista:

Aqueles que dispõem de menos recursos de formação profissional e educação formal, omitem-se por acharem-se incompetentes, por trazerem resquícios muito vivos de experiências anteriores de subordinação. Percebem-se, assim, inadequados e insuficientemente preparados para conduzir o empreendimento em moldes democráticos e participativos (p.99).

Nesse sentido, a Psicologia insere-se nesse contexto para colaborar, a partir de seus conhecimentos e práticas, para a superação dos desafios e dificuldades, e principalmente “na construção de uma subjetividade pautada nos valores da Economia Solidária” (BEATRIZ; CARVALHO, 2015, p.216). Conforme aponta Guareschi e Veronese (2005), “é nas razões da emergência de um campo, como a economia solidária, que a psicologia vai buscar elementos para analisar, criticamente, a relação que os sujeitos ali estabelecem com o seu trabalho” (p.96).

O trabalho é considerado como um campo central na vida do sujeito, já que influencia na construção da subjetividade, como afirma Veronese (2005): “antes de ser uma instância individual, ela é instância coletiva, social e histórica. Reafirma-se que o trabalho pode ser considerado como fonte de subjetivação, portanto questão central na psicologia” (p.90).

O referencial teórico-metodológico que fundamenta o referido estudo, adota como abordagem a psicologia social crítica, na qual trata-se de uma Psicologia Social articulada ao materialismo histórico e que tem como proposta a transformação da realidade e a promoção da emancipação (LIMA et al., 2009). A Psicologia Social Crítica nasce no Brasil, entre os anos de 1990 assim como a Economia Solidária, como resposta ao “processo de consolidação da democracia burguesa e da hegemonia neoliberal na sociedade brasileira. “ (JUNIOR, 2013, p.218).

De acordo com Junior (2013) na Psicologia Social Brasileira, temos as seguintes contribuições de Silvia Lane e Pedrinho Guareschi:

Lane que introduz uma reflexão sobre a necessidade de novas categorias que dão conta do caráter histórico e social do homem, discute contribuições do materialismo histórico para a psicologia, ressignifica as categorias atividade, consciência e identidade na psicologia social, aponta para o caráter adaptacionista da psicologia social norte-americana e levanta a necessidade de uma psicologia voltada para intervenções comunitárias [...] E Guareschi que desenvolveu e ainda desenvolve intensa atividade teórica sobre temas como ideologia, poder, dominação, representações sociais, mídia, comunicação e subjetividade (p.243).

Nesse sentido, busca-se analisar os modos de viver e os modos de trabalhar, na qual estão diretamente ligadas à questão da subjetividade; assim, para Veronese (2003) “não se percebe o ser humano como algo já acabado, mas sim com potencialidades inscritas num devir pleno de possibilidades” (p.2). A economia solidária, segundo Lima (2015), “se constitui como um importante campo de pesquisa e atuação da psicologia social ao se apresentar como uma proposta contra hegemônica e se inscreve no campo das resistências como forma de negação da ordem instituída pelo capitalismo. ” (p.208).

Justifica-se a escolha dessa temática, por ser uma forma alternativa de economia atual e recentemente discutida nas ciências sociais; isto não quer dizer que a economia solidária alcançará um espaço importante na economia mundial, mas “precisamos cuidar, no presente, desse futuro incerto: por isso, contraí-lo enquanto certeza, não importância” (VERONESE, 2005, p.95).

Diante disso, intenciona-se nesse estudo analisar o modo de organização do trabalho na Economia Solidária e sua interface com discussões da Psicologia. Logo, para que essa proposta seja alcançada, objetiva-se especificamente compreender a organização do trabalho a partir dos princípios ou regras que regem esse modo de produção, entender a Economia Solidária à luz das contribuições da psicologia e analisar a possibilidade de atuação do psicólogo nesse campo.

## **MATERIAL E MÉTODOS**

Inicialmente foi escolhida para a pesquisa de artigos a Biblioteca Virtual em Saúde Psicologia (BVS-Psi), por agregar fontes consistentes de dados científicos. A busca dos artigos na BVS-

Psi foi realizada através dos descritores *Economia Solidária* e *Psicologia*. Na sequência foram acessadas separadamente as fontes Lilacs (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e SciELO (Scientific Electronic Library Online). Foi realizada uma primeira triagem, assim, foram selecionados os artigos nacionais do período de 2000 a 2015. Esse intervalo foi escolhido devido a ascendência das discussões entre Economia Solidária e Psicologia acontecer nesse ínterim.

Diante dos resultados obtidos nas buscas foi realizada a leitura completa dos textos. Foram eliminados os materiais que estavam repetidos entre as bases ou que discutiam apenas sobre a Economia Solidária, e não incluíam a Psicologia no decorrer do artigo. No total das buscas foram identificados 47 trabalhos. Destes, 15 foram descartados por estarem repetidos entre as bases, 18 foram eliminados porque o conteúdo não correspondia ao objetivo dessa pesquisa, que é a relação dessa economia com a psicologia, e 14 artigos foram selecionados.

Os artigos selecionados foram enumerados para melhor apresentação nas discussões, conforme mostra a Tabela 1.

**Tabela 1**

**Numeração dos artigos para análise**

	Título do Artigo
1	Campo de atuação do (a) psicólogo(a) no movimento da Economia Solidária no Brasil
2	Onde a autogestão acontece: revelações a partir do cotidiano
3	A questão da Saúde do Trabalhador em empreendimentos autogestionários
4	Novos Caminhos, Cooperação E Solidariedade: A Psicologia Em Empreendimentos Solidários
5	O nascimento de uma associação de catadores de material reciclável - um estudo de caso
6	Oficina integrada de geração de trabalho e renda: estratégia para formação de empreendimento econômico solidário
7	Os Sentidos Do Trabalho Para Sujeitos Inseridos Em "Empreendimentos Solidários
8	Porque trabalhar com economia solidária na Psicologia Social
9	Possibilidades Para a Psicologia na economia solidária: atuação numa ITCP
10	Possibilidades Solidárias E Emancipatórias Do Trabalho: Campo Fértil Para A Prática Da Psicologia Social Crítica
11	Psicologia E Cooperativismo Solidário: Possíveis (Des)Encontros
12	Saúde Mental E Economia Solidária: Análise Das Relações De Trabalho Em Uma Cooperativa De Confecção De Porto Alegre
13	"Todos são iguais", "todos são responsáveis" e "todos estão no mesmo barco": os (des)entendimentos da autogestão cooperativa
14	Trabalho E Política No Cotidiano Da Autogestão: A Rede Justatrama

Para analisar os 14 artigos escolhidos, esta pesquisa adotou como Método a Análise de Conteúdo que, conforme Franco (2005, p.26), nos permite produzir inferências já que implica em realizar comparações a partir dos dados obtidos e do conhecimento do investigador com diferentes abordagens teóricas. A primeira etapa incide em descrever as características do texto de forma resumida e a última etapa consiste na interpretação que é o resultado da inferência, ou seja, trata-se a possibilidade de implicar as descrições com alguma teoria (FRANCO, 2005).

Com isso, a fim de caracterizar os artigos, eles foram detalhados e classificados da seguinte maneira: (a) *tipo de publicação*, na qual foi identificado se o material era um artigo teórico ou empírico; (b) *ano de publicação dos estudos*; (c) *Referencial Teórico* utilizado para realizar o estudo e (d) *instrumentos de coleta de dados*, obtidos através do detalhamento metodológico dos estudos. Assim, seguem os dados da análise dos artigos descritos abaixo:

(a) *Quanto ao Tipo de Publicação:*

Dos 14 artigos analisados, 04 materiais eram teóricos e 10 eram empíricos. A maior quantidade de estudos de cunho prático nos auxilia à medida que, expõe na prática, como é estabelecida as relações da Economia Solidária; porém, são necessárias revisões teóricas afim de contribuir para o amadurecimento de discussões da Psicologia junto à Economia Solidária. As Revistas que mais publicaram os artigos utilizados foram *Caderno de Psicologia Social do Trabalho* e *Psicologia & Sociedade*, outras revistas apareceram, conforme ilustrado na Tabela 2.

**Tabela 2** Frequência das Publicações por Revista

Nome da Revista	Frequência
<i>Psicologia &amp; Sociedade</i>	06
<i>Caderno de Psicologia Social do Trabalho</i>	04
<i>Psicologia para América Latina</i>	01
<i>Revista de Terapia Ocupacional da USP</i>	01
<i>Psico</i>	01
<i>Psicologia Em Estudo</i>	01

(b) *Quanto ao Ano de Publicação*

A classificação dos estudos por período afirma a Economia Solidária como um campo novo e que os estudos relacionados a área da Psicologia ainda são precários, conforme aponta Tabela 3.

**Tabela 3** Frequência das Publicações conforme o período

Ano	Frequência
2004	1
2005	2
2006	2
2008	2
2009	1
2013	3
2014	2
2015	1

(c) *Quanto ao Referencial Teórico*

Com esta categoria, identificamos que a maioria dos estudos estão pautados na Psicologia Social, incluindo nesse campo, a Psicologia Social Comunitária e a Psicologia Social Crítica conforme Tabela 4. Vale ressaltar que alguns estudos destacaram duas teorias ao mesmo tempo para abranger a Economia Solidária e outros estudos não citaram nenhuma área específica da Psicologia, trabalharam apenas com conceitos.

**Tabela 4 Referencial Teórico**

Referencial Teórico	Número De Artigos
<i>Psicologia Social</i>	9
<i>Psicologia do Trabalho</i>	3
<i>Psicologia Social do Trabalho</i>	1
<i>Análise Institucional</i>	1
<i>Psicossociologia</i>	1
<i>Nenhum Específico</i>	4

(d) Quanto ao Instrumento de Coleta de Dados

Nos artigos analisados, apenas 4 eram de Revisão Teórica, e os instrumentos dos 10 restantes se caracterizavam de maneira prática, como: Relato de Caso, Estudo de Campo e Entrevistas. Esse resultado mostra como a Psicologia frente à Economia Solidária é uma área nova e emergente; necessitando tanto de estudos de cunho teórico quanto de exploração do campo. Assim, estudos quantitativos de caráter exploratório, mais específicos sobre as relações de trabalho em diferentes contextos autogestionários, seriam necessários para o aprofundamento desta temática.

## RESULTADOS

Para Franco (2005, p.13), é possível afirmar que “o ponto de partida da Análise de Conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Necessariamente, ela expressa um significado e um sentido.”. Essa mensagem pode ser uma palavra, um texto ou um enunciado. Assim, foi buscado palavras, através da análise de Frequência de Palavras, que mais se repetiam.

A partir disso foram classificadas em Temas e criadas então, as categorias: *Princípios da Economia Solidária; Saúde e Trabalho; Prazer nas Atividades; Atuação do Psicólogo*. As categorias foram divididas em subtemas para melhor discussão, como mostra a Tabela 4.

**Tabela 4 Caracterização dos Principais Resultados**

Categoria	Sub-Categoria
<i>Princípios da Economia Solidária</i>	Autogestão Solidariedade Coletivo
<i>Saúde e Trabalho</i>	
<i>Prazer nas Atividades</i>	Sentido do Trabalho Organização do Trabalho
<i>Atuação do Psicólogo</i>	Prática de Conceitos Campo de Intervenção

## DISCUSSÃO

No eixo *Princípios da Economia Solidária*, foi observado que, em todos os artigos selecionados, destacaram-se conceitos como Autogestão, Solidariedade ou Cooperativismo e Coletivo. Nesse sentido, Lima (2015) destaca:

A Economia Solidária tem como proposta a organização do trabalho a partir de princípios, como: solidariedade, igualdade, cooperação e democracia. Na prática, ela se caracteriza pela autogestão, que combina dois aspectos: gestão democrática e posse coletiva dos meios de produção; e a distribuição igualitária dos resultados obtidos, em oposição às relações de trabalho capitalistas que são marcadas pelo individualismo, competição e desigualdade (p. 196).

Desta maneira, para que haja uma relação de trabalho espelhada na Economia Solidária, esses princípios precisam ser instituídos, assim sendo, seguem os princípios analisados:

1. A *Autogestão* foi destacada como um modelo organizativo, que de acordo com Dinov e Nóbrega (2014), os trabalhadores “tornam-se sócios-trabalhadores, começam a construir um novo processo organizativo, que envolverá outros tipos de problemas a serem debatidos, não mais da ordem da subordinação” (p.137).

Faria (2013) define a autogestão como “um modo de gestão que tem como pressuposto básico as relações de igualdade e a valorização do trabalhador na medida em que rompe o processo de alienação”, buscando construir uma relação horizontal entre os trabalhadores, para que de “todos se tornem conscientes de sua responsabilidade para com o sucesso ou insucesso da organização” (p.24).

Assim, o princípio da Autogestão permite que os trabalhadores desenvolvam Autonomia na tomada de decisão:

[...] ela diferencia-se da heterogestão onde um patrão, chefe, supervisor, ou consultor nos modelos de gestão contemporâneos, decide, orienta e define os rumos dos processos e das relações *da* e *na* produção. Na autogestão, cada um deverá ser gestor, discutindo em grupo quais são as ações prioritárias, como processo produtivo, férias, formação profissional, partilha de ganhos financeiros etc. (GUARESCHI; VERONESE, 2009, p.98).

Na Psicologia Social Crítica, Guareschi e Veronese (2009) destaca a importância de as pessoas participarem dos “processos que organizam os recursos para fazer funcionar o empreendimento, apropriando-se de formas mais autônomas de produzir a gestão, através de uma racionalidade própria aos empreendimentos solidários.” (p.96).

2. A *Solidariedade*, assume uma condição central para a existência da Economia Solidária. É através da solidariedade e do cooperativismo que “os sujeitos se envolvem na luta coletiva contra a opressão, injustiça e desigualdade, antes enfrentadas individualmente”. (COUTINHO et al, 2005, p.11). Surge ainda, como sinônimo de ajuda mútua, “o que pode ser considerado como uma relação pautada pelos principais valores da Economia Solidária, que são a

centralidade no trabalho e a busca da cooperação e da solidariedade como princípios norteadores da atividade produtiva” (ANDRADE, 2008).

3. E o *Coletivo*, que detém o controle do processo organizativo, permitindo a tomada de decisões por todos: “Assim, a forma como se dá a produção, as máquinas escolhidas para trabalhar e o jeito como serão utilizadas, o ritmo de trabalho, os horários para descanso, para alimentação e outros momentos, tudo isso é definido coletivamente, dentro do possível” (DINOV; NÓBREGA, 2014, p.135). Ainda, conforme Coutinho et al. (2005, p.11), “o que caracteriza a constituição do grupo é a ação grupal ou coletiva, desencadeada por uma consideração mútua, realizando-se com o envolvimento de todos e tendo como resultado o coletivo.

No eixo *Saúde e Trabalho*, foi possível investigar como a saúde do trabalhador é discutida no campo da Economia Solidária; porém apenas os artigos 1, 5 e 12 discutiram essa temática. O que implica uma necessidade de publicações que discutem a Saúde Mental do trabalhador nesse modo de produção.

De acordo com os artigos analisados, devido a prática de uma inserção social mais justa e igualitária e o desenvolvimento da Autonomia, é possível que nesse modo de produção haja promoção de saúde; porém, a Autoexploração, pode ser um indicador contrário a manutenção dessa produção de saúde (DINOV; NÓBREGA, 2014, p.135).

Para Dinov e Nóbrega (2014), as discussões sobre Saúde do trabalhador na Economia Solidária, é um campo pouco explorado e que necessita de pesquisas:

A Saúde do Trabalhador dentro do contexto da Economia Solidária aparece, então, como um campo que carece ainda de embasamento teórico, necessitando de mais estudos que aprofundem esta questão em diferentes contextos produtivos autogeridos. São poucos e recentes os estudos sobre a saúde do trabalhador em empreendimentos autogeridos. Não existem ainda pesquisas que indiquem os tipos de doenças relacionadas ao trabalho que acometem os trabalhadores autogestionários, ou quais as estratégias de prevenção de doenças relacionadas ao trabalho adotadas nos diversos empreendimentos autogeridos (p.136).

Para analisar o eixo *Prazer nas Atividades*, foram observados, em todos os artigos selecionados, os aspectos da organização do trabalho e também da subjetividade do trabalhador que proporcionam prazer na execução das atividades. Dentro dessa categoria, discute-se os seguintes subtemas:

1. A *Organização do Trabalho* configura-se como um produto social que envolve a todos; nesse mesmo viés, o Trabalho se destaca como produção de Subjetividade, no sentido de que é possível a criação de modos de vida singulares através da construção do conhecimento, proporcionado pela vivência de novas experiências, e também pela resolução de conflitos por meio das negociações cotidianas (DINOV; NÓBREGA, 2014, p.137).

A autogestão e o trabalho cotidiano em uma cooperativa industrial autogestionária são diferentes de outros processos organizativos, visto que possuem como característica peculiar o controle dos trabalhadores sobre a empresa. Esse controle se expressa de diversas maneiras: no controle do processo de trabalho pelos trabalhadores, no controle coletivo da gestão da empresa e na necessidade de negociações entre todos para a tomada de decisões (ESTEVEZ, 2013, p.137).

2. Em relação aos *Sentidos atribuídos ao trabalho*, foram destacados dois aspectos, de acordo com Magro e Coutinho (2008): o primeiro deles foi o trabalho como meio de prover a subsistência, e o segundo foi a significação do trabalho enquanto via de reconhecimento ou desvalorização social. O sentido de subsistência acontece na medida em que o trabalho se transforma em dinheiro e permite o acesso à alimentação, moradia, vestuário, etc. E o reconhecimento social adota um lugar de dignidade e respeito, como analisa Lima (2015):

Consideramos esta categoria fundamental para a economia solidária, pois se expressa pelos sentidos do trabalho na vida dos trabalhadores. Trabalhar significa a descoberta de potencialidades, é possibilidade de socialização, de se tornar conhecido como pessoa e reconhecido em seus talentos, é melhoria da qualidade de vida, possibilidade de independência, de emancipação. Esses benefícios aparecem mesmo quando os EESs não geram renda, mas quando o empreendimento gera renda outros benefícios se somam a esses: resgatar direitos sociais, dignidade, segurança, além de conhecimento, desenvolvimento pessoal, aprendizagem, novas perspectivas de vida (p. 201).

Ainda, de acordo com Veronese e Guareschi (2005), o Trabalho assume três dimensões:

A dimensão ética (solidariedade) a dimensão política (participação) e a dimensão estética (prazer/erotização, autoria individual, reconhecimento). Em que, as duas primeiras dimensões orientam o campo da economia solidária. A terceira dimensão convida ao reencantamento do mundo, no sentido de um senso comum reencantado. O reencantamento com o mundo é a possibilidade de ter prazer, de erotizar as experiências, de encantar-se com aquilo que produziu (p.67).

O eixo *Atuação do psicólogo* foi composto por *Prática de Conceitos* e *Campo de Intervenção*. A partir desse resultado, foi possível observar que o Psicólogo pode contribuir para que esta forma de organização social do trabalho seja conservada; assim, discute-se:

1. No item *Prática de Conceitos*, podemos concluir que a Economia Solidária necessita de uma ciência que esteja comprometida com a ação social, que se dispõe a assumir os fenômenos da coletividade e a se inserir nos processos do cotidiano. A Psicologia tem a possibilidade de trabalhar conceitos discutidos em sua formação, como: Coletivo, Grupo, Relações de Trabalho e Modos de Subjetividade.

Nesse sentido, a Psicologia pode contribuir sobremaneira, especialmente por ter discussões com o coletivo e, assim, implicar a melhoria das relações sociais, apostando uma consciência crítica e o fortalecimento desses sujeitos (BARATIERI; BEATRIZ, 2013, p.74). A Psicologia Social Crítica tem o seu maior objetivo em produzir uma consciência crítica como relatado acima, assim:

[...] consideramos a Economia Solidária como um movimento social que se inclui no campo das resistências, à medida que busca alternativas às formas de produção capitalista e às formas de organização do trabalho, capazes de resgatar o trabalhador da alienação a que está submetido pelas empresas capitalistas (LIMA, 2015, p.196).

2. Analisando a Economia Solidária como um *Campo de Intervenção*, uma demanda ao Psicólogo são as relações interpessoais e grupais, já que é um sistema de produção que promove o trabalho coletivo e as decisões coletivas. Assim, se estamos inseridos num campo de trabalho com tais valores, o Psicólogo atuará:

[...] na integração das pessoas, no coletivo, na cooperação, na solidariedade, na autogestão, na distribuição de renda, de saberes e de poder, visando uma relação social voltada para uma forma diferenciada de pensar a economia e o mundo, no sentido de repensar os modos de produção, de comercialização e de consumo (BARATIERI; BEATRIZ, 2013, p.85).

Conforme Lima (2015), a partir do momento que a Economia Solidária assume a autogestão como princípio e como prática, ela se “propõe a estabelecer outras formas de relação dos trabalhadores com seu trabalho, forjando novas condições de trabalho e relações sociais para as quais os trabalhadores não têm referenciais” (p.201). Então, essa passa a ser uma das maiores dificuldades: o conflito de trabalhar com valores da Economia Solidária em um Sistema de modo Capitalista, logo, é importante que haja intervenções a fim de concretizar esses princípios na vida cotidiana:

[...] verifica-se a necessidade de uma pedagogia problematizadora numa constante qualificação das relações entre os sócios de qualquer empreendimento associativo. É preciso trabalhar com alto nível de dialogia, com uma proposta que possa produzir maior apropriação dos princípios autogestionários, com a presença dos vetores tanto da solidariedade quanto da capacidade administrativa (GUARESCHI; VERONESE, 2009, p.99).

A análise dos resultados dos estudos mostrou que os eixos temáticos que receberam maior ênfase foram os *Princípios da Economia Solidária* e o *Prazer nas Atividades*. As temáticas menos discutidas foram *Saúde e Trabalho* e *Atuação do Psicólogo*. Este dado pode ser explicado por essa área ser relativamente nova no Brasil, e suas discussões girarem em torno de um caráter mais explicativo de como seria a dinâmica de trabalho na Economia Solidária. Assim, questões mais específicas, como Saúde do trabalhador e Atuação do Psicólogo, estariam em uma fase de investigação e de levantamento de pesquisas, sendo necessária maior atenção e estudos de investigação do campo.

## CONCLUSÃO

Entende-se a Economia Solidária como uma forma de fazer economia baseada em valores como: autogestão, cooperação, solidariedade, distribuição de renda e uma forma de organização do trabalho que busque a inclusão; sendo caracterizada como um modo de economia que se contrapõe ao sistema econômico capitalista (BARATIERI; BEATRIZ, 2013, p.71).

Conforme uma pesquisa feita por Magro e Coutinho (2008), o sentido do trabalho para os trabalhadores da Economia Solidária muda, já que muitas vezes, a valorização social aparece na melhoria das condições de vida:

Assim, ao responder à pergunta sobre se algo havia mudado em sua vida após o ingresso na cooperativa, os cooperados destacavam o acesso à alimentação, a possibilidade de planejamento financeiro, as melhores condições de moradia e o consumo de bens, condições até então inacessíveis para eles (p. 707).

É possível analisar a articulação entre Economia Solidária e Psicologia social Crítica quando Junior (2013) afirma que o compromisso social do psicólogo é com as massas populares a fim de combater as desigualdades sociais:

Para alcançar estes fins, a psicologia deve: (a) ser concebida como uma intervenção social, mesmo no caso de intervenções mais individualizadas, como aquelas que se desenvolvem nas clínicas privadas; (b) compreender o fenômeno psicológico como histórico e social; (c) conceber a transformação social como mediação para a promoção de saúde e do bem-estar (p.231).

Conforme aponta Coutinho, Beiras, Picinin e Luckman (2005), citado por Beatriz e Carvalho (2015), é observado a relação entre Psicologia Social Crítica e Economia Solidária, uma vez que a psicologia contribui com a “escuta de vivências de prazer e sofrimento dos/as trabalhadores/as, desenvolve a consciência crítica, a autonomia e a solidariedade, ressignificando a identidade profissional do/a trabalhador/a e fortalecendo o vínculo grupal.” (p.219). Para Veronese (2003, p.27), a Psicologia Social Crítica sugere “que a busca pelo protagonismo nas relações de trabalho seja um dos principais objetivos da Psicologia, para que ao invés de auxiliar o sujeito a lidar com o contexto, ajude-o a questionar e transformar o seu contexto”.

Silvia Lane em seus estudos aponta para a centralidade das categorias consciência, atividade, identidade e emoções para a construção de uma psicologia social crítica e histórica, propondo assim um novo olhar sobre o indivíduo (JUNIOR, 2013, p.239). Todas as categorias citadas por Silvia Lane possuem um caráter transformador a partir do momento que pode afetar o próprio indivíduo e também os que estão ao redor (PINHO, 2014, p.45).

Nesse sentido, observa-se que entre as contribuições do modo de produção na Economia Solidária está o processo de emancipação; no entanto, Pinho (2014) afirma que esse processo depende de o indivíduo ter consciência daquilo que o rodeia e também da participação de outras pessoas, ou seja, é preciso ter relação de solidariedade. Com isso, o indivíduo tem a possibilidade de passar de um estado de consciência para um estado de atividade, tendo autonomia para mudar a si mesmo e aquilo que está ao seu redor. Essa transformação permite também a “construção, desconstrução e reconstrução de sua identidade” (p.13).

De acordo com Veronese e Guareschi (2005), como prática do Psicólogo sugere-se como ferramentas, “o trabalho em grupos - oficinas, vivências, seminários, encontros, reuniões para discussão, abordando temas como: produção associativa, organização do trabalho, comércio justo, etc.” (p.67). O Psicólogo ainda pode trabalhar afim de promover de saúde, à medida que “os sujeitos do processo sejam levados a encontrar recursos internos que os capacitem a criar alternativas para solucionar seus problemas (FAVERO; EIDELWEIN, 2004, p.34).

A Psicologia precisa estar atenta a essas demandas, além de estar envolvida e comprometida com as causas coletivas, com enfoque na geração de trabalho e renda de forma associativa. É necessário compreender o funcionamento dos grupos sociais, da autogestão, das disputas de poder, do desenvolvimento de políticas públicas, do desenvolvimento local, de uma visão crítica da sociedade e do modo de organização do trabalho e da distribuição de renda. Ou seja, uma Psicologia voltada para interesses coletivos e que compreenda o movimento histórico dos grupos sociais, bem como suas condições atuais para superar as contradições do sistema econômico capitalista (BEATRIZ; CARVALHO, 2015, p. 229).

Nessa perspectiva, segundo Guareschi e Veronese (2009), uma dificuldade encontrada é quanto a permanência do caráter organizativo da Economia Solidária; portanto, o Psicólogo

deve auxiliar para que os princípios da Economia Solidária não se percam diante do sistema capitalista. É necessário que a partir de uma abordagem teórica, o psicólogo possa trabalhar com a manutenção desses valores e também contribuir para uma constante construção e reconstrução da subjetividade e de um pensamento crítico e emancipatório.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADA, C. F.; SATO, L. Trabalho e política no cotidiano da autogestão: a rede Justa Trama. **Psicologia & Sociedade**, v. 26, p. 3-13, 2014.

ANDRADE, M. C. O nascimento de uma associação de catadores de material reciclável: um estudo de caso. **Psicologia para América Latina**, México, n.14, 2008. Disponível em: <file:///C:/Barbara/Faculdade/TCC/TCC%202016-2/Artigos/O%20nascimento%20de%20uma%20associação%20de%20catadores%20de%20material%20reciclável%20um%20estudo%20de%20caso.html>. Acesso em: 30 set. 2016.

ANDRADE, C.F. Onde a autogestão acontece: revelações a partir do cotidiano. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.9, n.1, p. 1-14, 2006.

BARATIERI, I. L. R.; BEATRIZ, M. Z. Campo de atuação do (a) psicólogo (a) no movimento da Economia Solidária no Brasil. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.16, n.1, p. 71-86, 2013.

BARFKNECHT, K.; MERLO, Á.R.C.; NARDI, H.C. Saúde Mental e Economia Solidária: Análise das Relações de Trabalho em uma Cooperativa de Confeção de Porto Alegre. **Psicologia & Sociedade**, v.18, n.2, p. 54-61, mai./ago. 2006.

BEATRIZ, M. Z.; CARVALHO, M. L. Psicologia e formação dos/as trabalhadores/as de empreendimentos econômicos solidários. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL – ABRAPSO, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Edições do Bosque CFH/UFSC, 2015. p. 292, ref. 215-230.

COUTINHO, M. C.; RODRIGUES, H. B. C.; BEIRAS, A.; PICININ, D.; LCKMANN, G. L. Novos caminhos, cooperação e solidariedade: a Psicologia em Empreendimento Solidários. **Psicologia & Sociedade**, v.17, n.1, p. 17-28, jan/abr. 2005.

DIMOV, T.; NÓBREGA, J. da S. A questão da Saúde do Trabalhador em empreendimentos autogestionários. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, São Paulo, v.17, n.1, p. 129-142, 2014.

ESTEVES, E. G. “Todos são iguais”, “todos são responsáveis” e “todos estão no mesmo barco”: os (des) entendimentos da autogestão cooperativa. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v.16, n.1, p. 135-148, 2013.

FARIA, J. H. As organizações coletivistas de produção associada e a autogestão social. Acesso em 10 de novembro de 2016. Disponível em: [www.workerscontrol.net/system/files/docs/OCPA\\_Gestao\\_Coletiva.pdf](http://www.workerscontrol.net/system/files/docs/OCPA_Gestao_Coletiva.pdf)

FAVERO, E.; EIDELWEIN, K.; Psicologia e Cooperativismo Solidário: Possíveis (Des) Encontros. **Psicologia & Sociedade**, v.16, n.3, p. 35-40, set/dez. 2004.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo**. 2. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2005. 79p.

GUARESCHI, P. A.; VERONESE, M. V. Porque trabalhar com economia solidária na Psicologia Social. **PSICO**, Porto Alegre, v.40, n.1, p. 94-101, jan./mar. 2009.

JUNIOR, F. L. Capitalismo dependente e a psicologia no Brasil: das alternativas à psicologia crítica. **Teoría y crítica de la psicología**, p. 216-263, 2013.

1.1.1 LIMA, A. F.; CIAMPA, A. C; ALMEIDA, J. A. M. Psicologia social como psicologia política? A proposta de psicologia social crítica de Sílvia Lane. **Revista Psicologia Política**, São Paulo, v.9, n.18, dez. 2009.

LIMA, M. das G. Autogestão e “Gestão de Pessoas”: desafios e possibilidades para desenvolvimento de um sistema a partir dos princípios da economia solidária. In: XVII ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOLOGIA SOCIAL – ABRAPSO, 2015, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Edições do Bosque CFH/UFSC, 2015. p. 292, ref. 194-214.

LUSSI, I. A. de O.; SHIRAMIZO, C. da S. Oficina integrada de geração de trabalho e renda. **Rev. Ter Ocup. Univ**, São Paulo, v.24, n.1, p. 28-37, jan./abr. 2013.

MAGRO, M. L. P. D.; COUTINHO, M. C. Os Sentidos do Trabalho para sujeitos inseridos em Empreendimentos Solidários. **Psicologia Em Estudo**, Maringá, v.13, n.4, p. 703-711, Out./dez. 2008.

PINHO, L. F. S. V. **As emoções na constituição da identidade**: A questão do sofrimento e o papel da solidariedade para a emancipação. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - PUC-SP, São Paulo, 2014. 132p.

SANTOS, J. C.; OLIVEIRA, B. A. M. Possibilidades para a Psicologia na economia solidária: atuação numa ITCP. **Psicologia & Sociedade**, v.27, n.2, p. 372-382, 2015.

VERONESE, M. V. Na direção de uma Psicologia Social Crítica do Trabalho. **Tese de Doutorado Sandwich em Psicologia**, Centro de Estudos Sociais. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, p. 1-33, 2003.

VERONESE, M. V. Análise de um empreendimento de economia solidária sob a ótica da sociologia das ausências e das emergências. **Ciências Sociais**, v.41, n.2, p. 89-99, 2005.

VERONESE, M. V.; GUARESCHI, P. Possibilidades solidárias e emancipatórias do trabalho: Campo fértil para a prática da Psicologia Social Crítica. **Psicologia & Sociedade**, v.17, n.2, p. 58-69, mai/ago. 2005.